

Rememorar o Golpe de 1964 em tempos de retrocessos democráticos: desafios ao ensino de História

Remembering the 1964 Coup in Times of Democratic Setbacks: Challenges to History Teaching

Prezados leitores, prezadas leitoras,

O ano de 2024 marca 60 anos do Golpe de 1964 no Brasil. Inventou-se a tradição de que os aniversários decenais dos marcos históricos de uma sociedade/ordem social são propícios às comemorações, ganhando contornos de efemérides. Obviamente que um tema tão nevrálgico na cena sociopolítica brasileira como esse não fica à espera de um momento específico para ser problematizado. No entanto, esses aniversários propiciam maiores articulação, difusão e visibilidade sobre o que é produzido em nome desse tema/evento. É animada por essa onda de comemorações que a *Revista História Hoje* (RHHJ) oferece à comunidade do Ensino de História o dossiê especial *O ensino de História e os 60 anos do Golpe de 1964: o que temos aprendido e ensinado?*

Além dessa onda, outro fator que nos convida ao movimento de apresentar esse dossiê ao campo são os ares do nosso tempo. O avanço da extrema direita em escala internacional com viabilidade política por meio do jogo eleitoral também precisa ser encarado como parte, efeito, causa e sintoma de um contexto no qual a democracia, mesmo a liberal, se encontra sob ameaça. Logo, trata-se de uma conjuntura propícia a reflexões que interpelam questões como direitos humanos, liberdade, autoritarismo, direitos civis, direitos políticos, crimes estatais, tortura, resistência civil etc.

Especificamente no Brasil, a infeliz coincidência entre o avanço da extrema direita e a evocação do Golpe de 1964 encontrou no bolsonarismo¹ um terreno fértil para a consolidação dos retrocessos democráticos experimentados novamente no país desde meados da segunda década do século XXI. Ao longo dos quatro anos de seu governo, o capitão reformado, que nunca escondeu sua idolatria ao confesso torturador coronel Carlos Brilhante Ustra, utili-

zou sempre o 31 de março para comemorar o Golpe (que ele nomeia como Revolução), em uma clara investida na luta hegemônica pela sua memória.

Interessa-nos, portanto, indagar/problematizar o papel do ensino de História nessa disputa por um passado tão recente, por um passado que não passa, a ponto de ser confundido com o presente e de estar sendo oferecido explicitamente como possibilidade de futuro por grupos políticos com viabilidade eleitoral. Em outras palavras, trata-se de, mais uma vez, convidar a comunidade do Ensino de História para refletir sobre o papel da educação, da escola e, mais especificamente, da disciplina escolar História na produção de projetos de sociedade.

Seria essa disciplina guardiã de valores democráticos? Como ela articula sua inscrição científica e seus compromissos sociais? Quais os seus limites para os processos de identificação e subjetivação dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem? Que cortes antagônicos têm sido efetivados para definir o que pode ou não pode ser considerado verdadeiro em temas socialmente vivos? Que fronteiras entre opinião e conhecimento e entre liberdade de expressão e discurso de ódio têm sido desenhadas para tratar de temas tornados sensíveis nas aulas de História? Seria o “esquecimento” desse tipo de assunto nas experiências curriculares de História um ingrediente para o negacionismo histórico? Como o/a professor/a de História gerencia a multiplicidade de demandas que emergem das tensões decorrentes das variadas, contraditórias e conflitantes visões em disputa? Essas e outras questões que interpelam e se colocam como desafios às dimensões ontológica e epistemológica do Ensino de História e do conhecimento histórico escolar são enfrentadas, direta ou indiretamente, no dossiê que ora apresentamos, tendo o Golpe de 1964 e seus desdobramentos como eixos articuladores.

O dossiê em tela foi gestado a partir de uma rede colaborativa que contou com o Conselho Editorial da *Revista História Hoje* e que repercutiu na indicação das professoras Alessandra Carvalho, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP/UFRJ), e Alessandra Gasparotto, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e do professor Thiago Nunes Soares, da Universidade de Pernambuco (UPE), para atuarem na organização. A ampliação dessa rede se deu por meio da contribuição de 13 autores/as que, individualmente ou no modo de coautoria, escreveram os artigos, além de uma pessoa entrevistada.

É preciso sublinhar que nomear como colaborativa a rede de trabalho que permitiu a construção do dossiê não é mero exercício retórico. Afinal, o trabalhoso processo foi atravessado pela tragédia climática que afetou profundamente o estado do Rio Grande do Sul. Não bastasse a comoção nacional partilhada que interfere em nossa capacidade de continuar “tocando a vida”, ainda que geograficamente distantes do epicentro da tragédia, a professora Alessandra Gasparotto, algumas autoras e pareceristas foram diretamente afetadas. A colaboração e a solidariedade permitiram a acolhida necessária e o andamento do trabalho que permitiu a conclusão da primeira parte do dossiê especial.

Nomeamos “primeira parte” com o intuito de destacar que a conclusão de qualquer texto só se esgota na leitura. Nesse sentido, reafirmamos que nosso objetivo foi oferecer um leque diversificado de abordagens sobre o Golpe de 1964 e seus desdobramentos no contexto do Ensino de História. Essa diversidade se expressa por meio de elementos atinentes à produção do conhecimento em si, como referenciais teórico-metodológicos, acervos empíricos construídos/mobilizados, recortes analíticos, mas também por meio de questões caras ao processo de produção desse conhecimento, notadamente no campo do Ensino de História, como diversidade regional, étnica, de gênero e sexualidade e de inscrição profissional. Essas questões são igualmente caras à *Revista História Hoje*.

Portanto, desejamos que a “segunda parte” desse dossiê especial seja marcada pelo reconhecimento de que as lembranças do Golpe de 1964 precisam enfrentar, em cada sala de aula de História, os desafios postos pelos retrocessos democráticos que temos experimentado. Trata-se de uma luta permanente por justiça social, da qual o ensino de História não pode fugir, sob o risco de contribuir, por meio da naturalização, para o recrudescimento de modos de organização do mundo marcados pela banalização da vida.

Além dos artigos e da entrevista que foram produzidos com foco no dossiê, incluímos neste número a resenha elaborada por Airton Fernandes do livro *Em defesa do ensino de história: a democracia como valor*, organizado por Helenice Aparecida Bastos Rocha e Marcelo de Souza Magalhães. A articulação entre democracia e ensino de História expressa no título e nos capítulos da obra é convidativa para os enfrentamentos dos quais temos falado.

Esse dossiê especial só foi possível de ser oferecido na *Revista História Hoje* pela participação efetiva do Conselho Editorial, das/o organizadoras/or, dos/as

autores/as e dos/as pareceristas na acolhida à proposta. Agradecemos a generosidade e o trabalho cuidadoso e rigoroso de todas as pessoas envolvidas. Isso inclui também o trabalho do assistente editorial Marcus Vinícius Correia Biaggi, da revisora Carolina Giacomo e do diagramador Flavio Peralta.

Para o fortalecimento de nossa revista e consequente ampliação da visibilidade dos artigos nela publicados, é importante que os *links* dos artigos sejam compartilhados, ao invés dos próprios arquivos. Por fim, desejamos que a leitura dos textos deste número instigue reflexões, amplie perspectivas, promova outras formas de compreensão sobre a História, seu ensino e sua função social e, especialmente, que contribua para um grito de “Ditadura nunca mais”.

Boa leitura!

Marcus Bomfim
Editor-Chefe (2023-2025)

REFERÊNCIAS

BALDAIA, F. P. B.; ARAÚJO, T. M.; ARAÚJO, S. S. de. O Bolsonarismo e o Brasil Profundo: notas sobre uma pesquisa. Anais XVII ENECULT – Encontro de Estudos multidisciplinares em cultura. Salvador, 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132106.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2024.

NOTA

¹ Bolsonarismo é um termo presente nos círculos acadêmicos e midiáticos. Segundo Baldaia, Araújo e Araújo (2021), ele pode ser entendido como um fenômeno político advindo da presença e da influência do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O sufixo “ismo”, por sua vez, “designa algo que ultrapassa o personagem e abarca uma série de expectativas, percepções e visões de mundo que não se esgotam em sua figura. Isso sugere que Bolsonaro se tornou o principal intérprete e o mais conspicuo mediador, no campo político, de um movimento recente, no plano das ideias e práticas, que atraiu significativo e diversificado contingente de brasileiros” (BALDAIA, ARAÚJO, ARAÚJO, 2021, s. p.).

